

Pessimismo domina previsões para 88

MARISA LOUVEN

Feliz 1989 para a economia brasileira porque, como todos já sabem, 1988 não será um bom ano.

Esta é a brincadeira feita por alguns economistas que, após analisarem o fraco desempenho das diversas variáveis macroeconômicas em 1987, prevêem a possibilidade de resultados ainda mais desfavoráveis no ano que começa. De uma maneira geral, não só os economistas como as lideranças empresariais acreditam que a solução para a crise econômica é a reordenação política, que passaria até mesmo, na opinião de alguns, pela realização de eleições diretas para a Presidência da República em 1988.

As únicas variáveis positivas registradas este ano foram o saldo da balança comercial, que chegou a US\$ 10,9 bilhões, com crescimento substancial em relação ao superávit de US\$ 8,3 bilhões do ano passado, e a produção agropecuária, com expansão de 12%. Os outros indicadores tiveram resultados desfavoráveis,

culminando com a inflação recorde de 365,96% no ano.

Um dos principais desafios do Governo, o déficit público, não foi reduzido, devendo chegar, em 1987, a cerca de 6% a 7% do Produto Interno Bruto (PIB). Esse "buraco" nas contas do Governo foi financiado pela maciça colocação de títulos públicos, o que levou a dívida pública interna — medida pelo valor dos títulos públicos: Obrigações do Tesouro Nacional (OTN), Letras do Banco Central (LBC) e Letras do Tesouro Nacional (LTN), em poder do mercado — a crescer 35,58% reais (descontada a inflação) de janeiro a novembro.

O saldo de títulos públicos em poder do mercado, em novembro, atingia CZ\$ 1,99 trilhão. A estimativa é de que a dívida interna tenha chegado a 13% do PIB este ano, contra os 9,7% computados no ano passado.

Isso não implicou, no entanto, o estabelecimento, pelo Governo, de uma taxa de juros real positiva. A variação real da Letra do Banco Central, de janeiro a novembro, foi de -2,8%. Mesmo assim, o montante de recursos girados mensalmente no

overnight cresceu significativamente: 98,98% em termos reais até novembro, mês em que o giro médio negociado atingiu nada menos de CZ\$ 2,04 trilhões.

A política monetária restritiva foi característica das diretrizes econômicas adotadas em 1987. O aperto de liquidez ficou bem caracterizado pela redução real de 60,24% dos meios de pagamento (dinheiro em poder do público mais depósitos à vista nos bancos) e da diminuição real de 50,54% da base monetária (emissão primária de moeda). Já as cadernetas de poupança tiveram crescimento. Os saldos dos depósitos em poupança tiveram um crescimento real de 22,94% nos 11 primeiros meses do ano, chegando a CZ\$ 1,7 trilhão em novembro, ainda assim um valor muito inferior ao do giro especulativo no over.

O fraco desempenho do mercado interno e os estímulos dados pelo Governo às exportações possibilitaram a obtenção do superávit de US\$ 10,9 bilhões. Essa parece ter sido a única das metas alcançada pelo Governo. Foi preciso aumentar o saldo comercial para fazer frente à dívida exter-

na do País, que chega a US\$ 113 bilhões.

A moratória dos juros da dívida junto aos bancos privados internacionais e o saldo comercial favorável não levaram, porém, a um aumento das reservas cambiais. A estimativa do Centro de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas é de que as reservas de US\$ 4,6 bilhões (conceito de caixa), em 1986, mantiveram-se estáveis.

Isso aconteceu porque os superávits comerciais caíram muito no início do ano, recuperando-se apenas a partir de maio. O País também teve que fazer pesadas transferências líquidas de divisas para o exterior, a título de pagamento a credores como os reunidos no Clube de Paris e às agências multilaterais (Banco Mundial, por exemplo).

A queda do salário real médio, de acordo com o Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), chegou a 79,82% até outubro. A taxa média de desemprego nos 11 primeiros meses do ano ficou em 3,73%, revelando certa estabilidade em relação à mé-

dia do período de janeiro a novembro do ano anterior, que foi de 3,72%, e bem inferior aos 5,44% de 1985.

O resultado é que os brasileiros consumiram menos, fazendo com que as vendas do comércio despencassem. O Clube dos Diretores Lojistas do Rio de Janeiro registrou, até novembro, uma diminuição real de 38,2% nas vendas, em comparação com o mesmo período do ano passado.

A indústria foi igualmente atingida pela crise, fechando o ano com um resultado que indica semi-estagnação: a produção industrial cresceu apenas cerca de 0,6%. Esse quadro negativo não permitiu o aumento dos investimentos, necessários para sustentar a expansão da economia. A taxa bruta de capital fixo, que indica a variação dos investimentos globais feitos na economia, ficou em apenas 16,6% do PIB, contra os 17,7% de 1986 e a média de 22,8% da década de 1970.

A combinação desses fatores só não levou a uma taxa negativa do PIB porque a agropecuária, favoreci-

da pela excelente safra agrícola deste ano, computou um bom desempenho: 12% de expansão. Isso permitiu que o PIB ainda crescesse 3,3%, menos da metade da expansão de 8,2% registrada em 1986 e de 8,3% computada em 1985. Para o ano que vem, no entanto, as previsões são pessimistas: o PIB pode não crescer, ou mesmo diminuir.

Mas o resultado mais assustador foi mesmo o da inflação, que chegou a 365,96%, um recorde histórico. O pior é que não há perspectivas de que as taxas dos próximos meses sejam inferiores aos 14,14% de dezembro deste ano. E mais: há dúvidas sobre se o Governo conseguirá conviver com esses resultados sem adotar um novo choque econômico, o que, na opinião de muitos economistas, terá resultados de curtíssimo prazo e desorganizará ainda mais a economia.

As alternativas técnicas existem, mas a solução para que a economia brasileira tenha chances de registrar um feliz Ano Novo em 1988, de acordo com os economistas, é mesmo política.